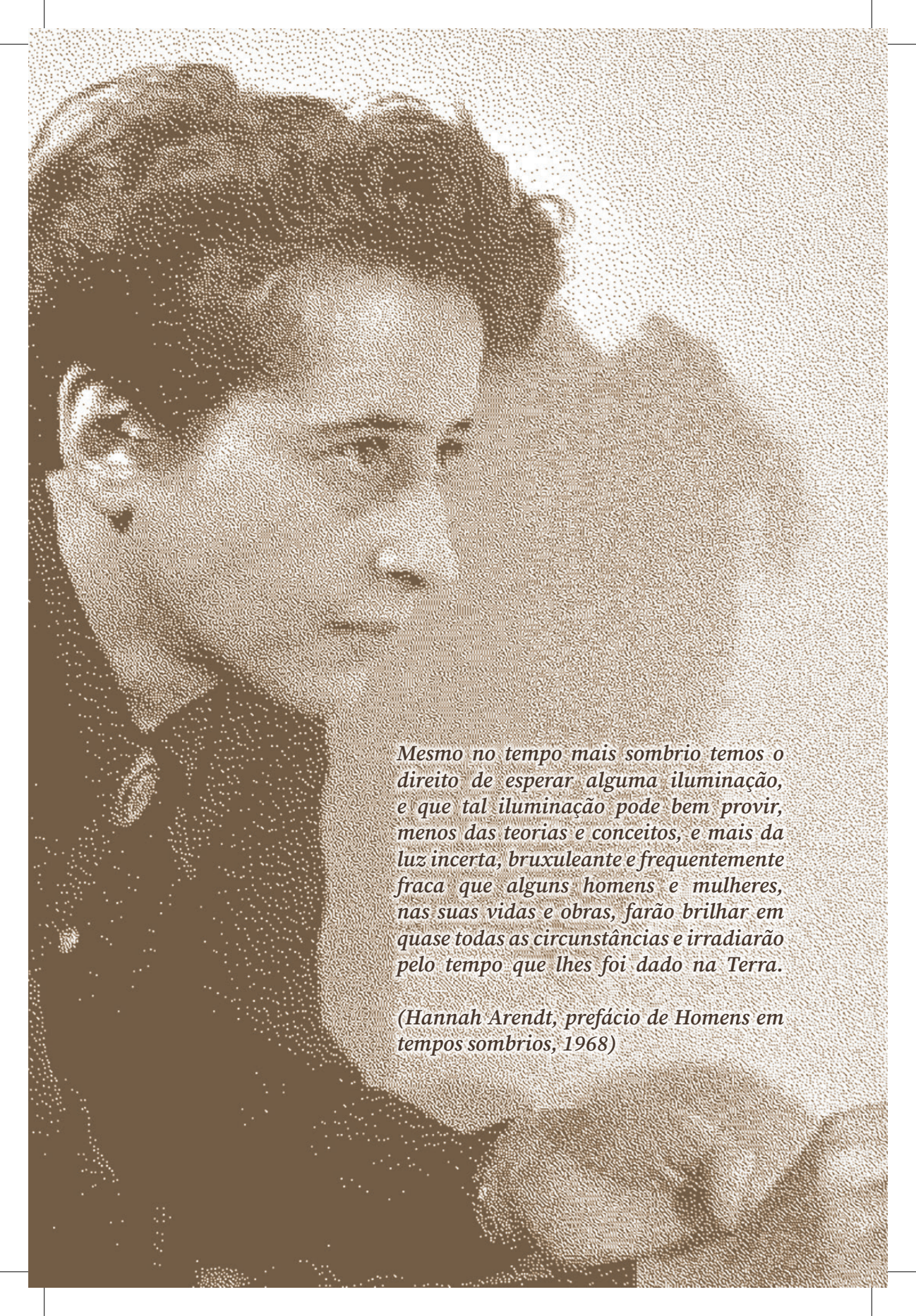


# *Papel de Carta*

*Mensagens de  
Hannah e Mary*

Maristela Sena dos Santos





*Mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra.*

*(Hannah Arendt, prefácio de Homens em tempos sombrios, 1968)*





# *Papel de Carta*

*Mensagens de  
Hannah e Mary*

Um manual de verbetes  
para quem quer  
saber mais



Santos, Maristela Sena dos.

Papel de carta: mensagens de Hannah e Mary / Maristela Sena dos Santos. – São Luís, 2021.

74 f.

Produto Educacional da Dissertação - Jogo de cartas entre Hannah Arendt e Mary McCarthy: impressões de duas mulheres sobre o próprio tempo.

Orientação da Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes.

1. Ensino de História. 2. Literatura Epistolar. 3. Produto Pedagógico. I. Título.

CDU 030:82-6

**Elaborada por Louisa Sousa Barros - CRB 13/657**



## **Coordenação Editorial**

Maristela Sena dos Santos

## **Projeto Gráfico**

Claudio Lima

## **Capa**

Claudio Lima / foto da capa: ©hannaharendtstate

## **Revisão**

Andréa Oliveira

Este manual foi elaborado como produto pedagógico do Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Sousa Abrantes

Maristela Sena tem especialização em Negociações Econômicas Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas UNESP - UNICAMP - PUC/SP. Foi professora de alemão no Senac São Paulo. É graduada em Comunicação Social pela UFMA. Atua como jornalista na área de redação, revisão de textos, pesquisa e assessoria de comunicação.



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**







# *Sumário*

|   |    |
|---|----|
| <i>Apresentação</i>   | 9  |
| <i>Hannah Arendt e Mary McCarthy: quem te escreve teu amigo é</i> | 11 |
| <i>Mora na filosofia (Obras de Hannah Arendt)</i>                 | 19 |
| <i>Reflexões sobre Little Rock</i>                                | 27 |
| <i>Eichmann no mundo</i>  | 33 |
| <i>A Guerra do Vietnã</i>   | 41 |
| <i>Maio 68</i>  | 51 |
| <i>Cartas do Brasil para Hannah e Mary</i>                        | 57 |
| <i>Referências Bibliográficas</i>                                 | 73 |







# *Apresentação*

Eis aqui um livro pra gostar de ler e usar. Antes dele sequer ser imaginado, queria eu saber mais sobre a filósofa e cientista política Hannah Arendt. Fui tentando me aproximar de suas biografia e obra. Acabei topando com um livro de correspondências entre ela e uma escritora e ensaísta norte-americana, Mary McCarthy. Buscava uma e encontrei duas mulheres corajosas que fizeram a travessia do conturbado século XX, obviamente sem passar em brancas nuvens.

Bom, o que estamos fazendo aqui agora? O que nós temos a ver com isso? Vamos aproveitar temas versados nas cartas trocadas entre Mary e Hannah para construir um produto pedagógico a ser utilizado como ferramenta em sala de aula. A estratégia que vamos seguir é a apropriação da narrativa das cartas como um atrativo para a contextualização e discussão dos assuntos apontados. Espero que, assim como aconteceu comigo, você possa abrir outras janelas do conhecimento. Boa leitura para todos!



©Harcourt Brace & Company



*Hannah Arendt e Mary McCarthy*



# *Hannah Arendt e Mary McCarthy: quem te escreve teu amigo é*

Quase todo mundo tem um amigo ou uma amiga especial. Imagina uma amizade entre duas escritoras, que tem a peculiaridade de ser acompanhada por uma troca de correspondências que durou 26 anos! Foi exatamente o que aconteceu com Hannah Arendt (1906-1975) e Mary McCarthy (1912-1989). Elas são reconhecidas por protagonizarem uma longa amizade alicerçada em ideais comuns, tais como garantia da autonomia, independência e protagonismo em um mundo de intelectuais, dominado por homens, na cidade de Nova York. A história desse relacionamento fraterno foi profundamente marcada por suas identidades próprias, diferenças culturais, idiomáticas, políticas e literárias, mas prevaleceu o respeito mútuo pelas singulares personalidades que construíram para si.

Em 1944, ano em que Hannah Arendt e Mary McCarthy se conheceram, em Nova York, elas se encontravam em um círculo de pensadores esquerdistas que militavam e aderiam aos temas sociais e políticos da época por meio da escrita. Ambas escreveram ensaios para as mais destacadas revistas e desenvolveram carreiras exitosas como escritoras. A troca de correspondências entre Arendt e McCarthy demarca a atuação delas e evidencia trajetórias que repercutiram em muitos momentos no meio intelectual norte-americano e europeu.



Podemos ler as cartas de Hannah e Mary reunidas no livro *Entre Amigas – A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy (1949-1975)*, organizado pela escritora norte-americana Carol Brightman. Sabe aqueles assuntos que você estuda nos livros de História, tipo Segunda Guerra Mundial, fascismo, nazismo, a luta pelos direitos civis dos negros afro-americanos, a guerra do Vietnã, os movimentos estudantis nos Estados Unidos e na França? Isso mesmo! McCarthy, como escritora, ensaísta e crítica literária norte-americana, e Arendt, cientista social e filósofa de origem judia-alemã, viveram durante esses acontecimentos.

## *Hannah Arendt*

Nasceu em 14 de outubro de 1906, em Linden, arredores de Hannover, Alemanha; e morreu em 4 de dezembro de 1975, em Nova York, Estados Unidos. Sua família era originária de Königsberg, na Prússia Oriental. Seus pais eram o engenheiro Paul Arendt e Martha Cohn Arendt. Seu pai morreu quando ela era ainda muito jovem.

Arendt estudou filosofia, teologia e filologia clássica com importantes professores-filósofos alemães nas cidades de Marburg, Freiburg e Heidelberg. Em Marburg foi aluna de Martin Heidegger, por quem se apaixonou, escreveu cartas, dedicou poemas. Em Freiburg frequentou as aulas de Edmund Husserl e em Heidelberg foi aluna de Karl Jaspers. Obteve seu doutorado em filosofia, em 1928, na Universidade de Heidelberg, sob a orientação de Karl Jaspers, com a tese *O conceito de amor em Santo Agostinho*, trabalho publicado em 1929. Arendt e Jaspers tornaram-se grandes amigos, reencontraram-se muitas vezes e se corresponderam até a morte dele, em 1969.

A partir de 1933, quando da chegada dos nazistas ao poder, Hannah Arendt viveria 18 anos como apátrida, depois de fugir de Berlim, passando por Praga, Gênova, Paris e Portugal, alcançando, por fim, a América. Após ser presa pela Gestapo (polícia secreta oficial da Alemanha nazista), Arendt foge para Paris, onde começa a trabalhar como assistente social para organizações judias. Ela se filia à Organização Mundial Sionista e permanece como membro até 1943. Em 1940, Hannah Arendt casa-se com o professor de filosofia Heinrich Blücher. Após algumas semanas detida em um campo de internação na França, ela, seu marido e sua mãe, Martha Arendt, conseguem emigrar para os Estados Unidos.

Na cidade de Nova York, ela começa a escrever colunas políticas para a revista semanal alemã-judia *Aufbau*. Apesar do seu engajamento em diferentes atividades, somente em 1951 Hannah Arendt consegue tornar-se cidadã americana e encerra um longo período de sua condição como apátrida. Professora visitante em várias universidades, como Berkeley, Princeton, Chicago e Harvard, Arendt fez sua carreira acadêmica na *New School for Social Research* de Nova York. É autora, entre outros livros, de *Origens do Totalitarismo*, *A condição humana*, *Entre o passado e o futuro*, *Homens em tempos sombrios*, *Eichmann em Jerusalém*, *Responsabilidade e julgamento*, *Crises da República*, *Compreender* e *Sobre a revolução*.

## *Mary McCarthy*

Mary McCarthy é considerada uma das escritoras e pensadoras norte-americanas mais importantes do século XX e atuou como romancista, ensaísta e crítica literária. Nasceu em 21 de junho de 1912, em Seattle, e morreu em 25 de outubro de 1989, em Nova York. Seus pais eram Roy Winfield e Therese Preston McCarthy, que faleceram



vítimas da epidemia de gripe, em 1918. McCarthy e seus três irmãos foram criados por sua tia-avó Margaret Sheridan McCarthy e seu marido, Myers Shriver. Anos depois, ela conta a história de maus-tratos que viveram, na obra *Memórias de uma menina católica* (1957).

Seis anos mais tarde, Mary foi levada de volta para Seattle, onde passou a viver com seus avós maternos, Harold e Augusta Morganstern Preston, e a aproveitar uma vida confortável. Seus irmãos não tiveram a mesma sorte e foram enviados para um internato. Harold, um advogado bem-sucedido, e Augusta, desejavam que Mary tivesse uma educação de qualidade. Ela foi matriculada em um convento para receber a educação primária e cursou o ensino médio no Seminário Annie Wright. De lá, foi para o Vassar College, onde se graduou em literatura, em 1933.

Seu primeiro livro, um romance, *The Company She Keeps*, foi publicado em 1942. Após a formatura, McCarthy foi morar em Nova York. Por meio de sua associação com a revista *Partisan Review*, conheceu Edmund Wilson, um famoso crítico literário, com quem se casou em 1938. Com Wilson, Mary teve seu único filho, Reuel Wilson.

McCarthy foi professora por um ano, no Bard College em Annandale-on-Hudson, Nova York. Durante esse tempo, conheceu um membro da equipe do *The New Yorker*, Bowden Broadwater, com quem se casou em 1946. Ao lado de Broadwater, escreveu e publicou oito livros entre 1949 e 1961. Ela também publicou vários artigos para periódicos como *Atlantic Monthly*, *The New Yorker* e *Harper's*, bem como *Partisan Review*.

No final dos anos 1950, ela estava na Polônia com o marido Broadwater e o filho Reuel Wilson, quando conheceu o oficial de relações públicas da embaixada dos Estados Unidos, James West. Foi amor à primeira vista e definitivo para ambos,

que se divorciaram e se casaram em abril de 1961. Mary McCarthy e James West viveram os anos 1960 e 1970 em Paris.

Mary McCarthy teve uma vida intensa como escritora e ativista. Em viagens à Europa e à Ásia ministrou palestras, escreveu artigos e livros. Seus romances *A charmed life* (*Uma vida encantada*), *O grupo* e *Memórias de uma menina católica* têm características autobiográficas.

## *Dicas*

Veja o filme *Hannah Arendt*, 2012, direção de Margarethe von Trotta.

Veja a entrevista Günter Gaus entrevista Hannah Arendt (1964) - com legendas em português disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PG8BYwv9IBQ>



# *Atividade*

## *Palavras Cruzadas*

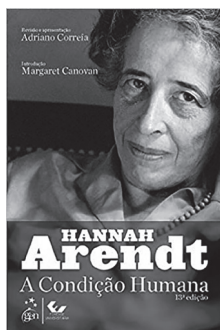
- 1. Filósofo e teólogo da Igreja, cuja obra foi tema da tese de doutorado de Hannah Arendt.*
- 2. Cidade onde Hannah e Mary se conheceram.*
- 3. Regimes estudados por Hannah Arendt na obra *Origens do Totalitarismo*.*
- 4. Universidade em que Mary McCarthy se graduou em Literatura.*
- 5. Professor e filósofo alemão por quem Hannah Arendt foi apaixonada.*
- 6. País de origem de Hannah Arendt.*
- 7. Nome do movimento estudantil que Mary McCarthy acompanhou quando viveu em Paris, nas décadas de 1960 e 1970.*
- 8. Nome de uma obra de Mary McCarthy.*
- 9. Condição de Hannah Arendt até tornar-se cidadã americana.*
- 10. País da Ásia para onde Mary McCarthy viajou como correspondente de guerra.*







**Hannah Arendt foi professora visitante nas universidades Berkeley, Princeton, Chicago e Harvard e fez carreira na New School for Social Research de Nova York**



© Editora Companhia das Letras e  
Editora Forense Universitária

# *Mora na filosofia*

## *(Obras de Hannah Arendt)*

À primeira vista a obra desta escritora e filósofa alemã, parece assustadora, pois desafia a quem se lança a conhecê-la. Mas basta aproximar-se um pouco da sua vida para compreender as escolhas de seus objetos de estudo. Apresentamos dois títulos que são marcos na obra de Arendt: *As origens do totalitarismo* (1951) e *A condição humana* (1958).

Os principais regimes totalitários do século XX ocorreram na Alemanha nazista (1933-1945) e na Rússia stalinista (1924-1953). O *nazismo* foi um movimento político nascido na Primeira Guerra Mundial, que governou a Alemanha a partir da ascensão ao poder de Adolf Hitler, em 1933. A partir daí, partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e a liberdade de imprensa foram proibidos. Hitler desconsiderou a Constituição vigente e instituiu uma ditadura. Inimigos políticos foram presos ou deportados para campos de concentração, sem julgamento. A polícia de segurança nazista editou atos que perseguiam comunistas, judeus, teólogos críticos do governo, cidadãos descontentes com a política e homossexuais. Em setembro de 1939, a Alemanha, ainda sob o governo de Hitler, atacou a Polônia, o que deu início à Segunda Guerra Mundial. A guerra durou até abril de 1945 e durante esse período o regime nazista deliberou a prisão e morte sistemática de cerca de seis milhões de judeus em campos de concentração.



Hannah Arendt era alemã, de origem judaica. A militância e o interesse pela pesquisa em torno da causa e política judaicas oferecem subsídios teóricos para a maior parte dos eixos temáticos desenvolvidos por ela ao escrever *Origens do Totalitarismo*. Mas a comprovação do extermínio em massa nas câmaras de gás dos campos de concentração, executado como *solução* final para os judeus, além do regime stalinista na União Soviética, levaram Arendt a uma busca profunda sobre movimentos políticos totalitários. No prefácio escrito em julho de 1967, ela se manifesta:

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômenos relativamente sem importância em termos de política mundial, transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento nazista e do estabelecimento da estrutura organizacional do Terceiro Reich, no qual todo cidadão tinha de provar que *não* era judeu ou descendente de judeus; e, em seguida, de uma guerra mundial de ferocidade nunca vista, que culminou, finalmente, com o surgimento do genocídio, crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental. Creio ser óbvio que isso exige não apenas lamentação e denúncia, mas também compreensão. Este livro é uma tentativa de compreender os fatos que, à primeira vista, pareciam apenas ultrajantes (ARENDDT, 2012, p.21)

## *Nazismo*

Você sabia que a palavra ***nazismo*** vem da contração do vocábulo alemão *Nationalsozialismus* (nacional-socialismo). O nazismo é uma ideologia que se caracteriza por ser antissemita e antidemocrática. E *antissemitismo* é um comportamento que se caracteriza por aversão e preconceito contra judeus.



*Prisioneiros são libertados de Auschwitz, Polônia em janeiro de 1945*

## *Holocausto*

Cerca de seis milhões de judeus foram assassinados no programa de extermínio promovido pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. O genocídio foi executado de forma sistemática pela ditadura de Adolf Hitler na Alemanha e nos territórios do Leste Europeu ocupados pela Alemanha, eliminando cerca de dois terços dos nove milhões de judeus que viviam na Europa. (Fonte: [www.dw.com](http://www.dw.com))

## *Totalitarismo*

É um sistema político caracterizado pelo domínio absoluto de uma pessoa ou partido político sobre uma nação, que controla todos os aspectos da vida pública e da vida privada por meio de um governo abertamente autoritário. É marcado pela forte presença de militarismo na sociedade, acompanhado por ações do regime com objetivo de promover sua ideologia por meio de um sistema de doutrinação da população. Os regimes totalitários utilizam-se do terror como arma

política para conter e perseguir seus opositores. A propaganda política é usada de maneira consistente para que a população seja convencida das medidas extremas tomadas por esses regimes. (Fonte: [historiadomundo.com.br](http://historiadomundo.com.br))

## *A condição humana*

Logo que concluiu *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt iniciou a produção do livro *A Vida Activa* [nome dado por ela à obra *A condição humana*]. Em 1958, publica a obra *A condição humana*, sobre a singularidade dos homens e as três atividades da *vida activa*: o *labor*, o *trabalho* e a *ação*.

“O *labor* é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. [...] A condição humana do *labor* é a própria vida. O *trabalho* é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana. [...] O *trabalho* produz um mundo “artificial” de coisas nitidamente diferente de qualquer ambiente natura. [...] A condição humana do *trabalho* é a mundanidade. A *ação*, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. (ARENDR, 2000, p.15)

Arendt demonstrava profunda preocupação com a questão da degradação do meio ambiente, com o desenvolvimento da tecnologia, dos processos de artificialização da vida e com a automação das atividades de produção tirando dos homens os locais de trabalho.

Essas inquietações são o portal para um panorama de temas que abordam a liberdade, a relação dos homens com as esferas pública e privada, o trabalho, a produção, o consumo, a ciência, o poder de perdoar, entre outros.



As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O *labor* assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O *trabalho* e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A *ação*, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. (ARENDT, 2000, p.16-17)

## *Dicas*

*Veja os vídeos:*

*Hannah Arendt | A Condição Humana disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_SKPDnviX6o](https://www.youtube.com/watch?v=_SKPDnviX6o)*

*Hannah Arendt teoria da ação labor trabalho e ação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XA8WO-ztrls>*

*Para refletir sobre Hannah Arendt disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWpnkVJsyEs>*

*A Queda - As Últimas Horas de Hitler (2004), dirigido por Oliver Hirschbiegel.*

## *Atividade*

*Você consegue identificar algumas destas características descritas abaixo como práticas da política do governo federal brasileiro? Caso positivo, você consegue traçar algum paralelo entre a Alemanha de 1933-1945 e o Brasil de hoje?*

*Escolha um dos itens e discuta em grupo:*

- a) Desaparecimento de limites ao exercício do poder com ataques e desconsiderações à Constituição e ao Supremo Tribunal Federal;*
- b) Crescimento do pensamento autoritário contra manifestantes e imprensa contrários ao governo;*
- c) Tentativas de controle ideológico de professores e funcionários públicos;*
- d) Desmantelamento da rede de proteção trabalhista;*
- e) Controle e manipulação da informação por meio de comunicação de massa;*
- f) Divulgação ostensiva de notícias falsas;*
- g) Demonização de inimigos políticos;*
- h) Destruição de setores da economia nacional;*
- i) Negação da ciência;*
- j) Destruição de políticas públicas para a educação com risco de fechamento de universidades públicas;*
- k) Substituição da política pela religião;*
- l) Intervenção militar na segurança pública.*







# Reflexões sobre Little Rock

©theguardian.com



*The Little Rock Nine: grupo de estudantes impedidos de entrar na escola por segregação racial*

No sul dos Estados Unidos, no período de 1876 a 1965, a Lei Jim Crow decretava a segregação racial em locais públicos. Pessoas negras não podiam comprar casas em regiões habitadas por brancos ou frequentar os mesmos restaurantes que recebiam clientela branca. Em 1954 a Corte Suprema norte-americana declarou como ilegal a segregação entre brancos e negros em geral e não apenas nas escolas. Os estados do sul reagiram energicamente contra integração.

## *Jim Crow*

O termo Jim Crow provavelmente é originado de shows de grupos de artistas americanos que surgiram no início dos anos 1800. Homens brancos

**pintavam o rosto de preto e faziam piadas sobre americanos de origem africana. Jim Crow era o nome do personagem que atuava nos esquetes. (MCDONOUGH, 2010, p. 12)**

Koshiba (2000, p.452), “o caso mais grave ocorreu em 1957, no estado de Arkansas, onde o próprio governador mobilizou a guarda nacional para impedir o acesso de nove crianças negras a uma escola da cidade de Little Rock”. O presidente Eisenhower “viu-se na obrigação de fazer valer a decisão da Corte Suprema e, para esse fim, não teve outra alternativa, senão enviar tropas federais para garantir o direito das crianças”, Koshiba (2000, p. 452).

Hannah Arendt escreveu um artigo chamado *Reflections on Little Rock*. O texto permaneceu inédito até 1959, quando ela autorizou a publicação na revista *Dissent*<sup>1</sup> com um prefácio onde explicava a causa do adiamento da publicação devido “à natureza controversa de minhas reflexões que, obviamente, estavam em desacordo com a posição da revista sobre questões de discriminação e segregação” (Arendt, 1959, p.45). A autora defendia que a ordem das prioridades, quando se tratava de direitos humanos, deveria ser determinada pela Constituição, “e não pela opinião pública ou por maiorias” (Arendt, 1959, p. 46).

Como a maioria das pessoas de origem europeia, tenho dificuldade em compreender, quanto mais compartilhar os preconceitos comuns de Americanos nesta área. Visto que o que escrevi pode chocar pessoas boas e ser mal utilizado por pessoas más, gostaria de deixar isso claro que, como judia, considero natural minha simpatia pela causa dos negros como por todos os oprimidos ou por pessoas menos favorecidas e agradeceria se o leitor fizesse o mesmo. (ARENDR, 1959, p.46)



Hannah Arendt reafirma sua origem judia para se declarar simpatizante inquestionável da causa do movimento antirracismo. Sua inquietação ultrapassou a defesa dos negros diante da violência do preconceito racial pelos brancos. Segundo Young-Bruehl (1997, p. 279-280), ela reprovou moralmente “pais negros que permitiam que seus filhos carregassem o fardo de uma luta racial”. Expomos aqui alguns pontos do artigo *Reflections on Little Rock*.

“Certamente não era preciso muita imaginação para ver que isso sobrecarregava as crianças, negras e brancas, com a elaboração de um problema que os adultos, por gerações, se confessaram incapazes de resolver. Chegamos agora ao ponto em que são as crianças que estão sendo solicitadas a mudar ou melhorar o mundo? E pretendemos travar nossas batalhas políticas no pátio da escola? (ARENDR, 1959, p.50)

Forçar os pais a enviarem seus filhos para uma escola integrada contra sua vontade significa privá-los de direitos que claramente pertencem a eles em todas as sociedades livres – o direito privado sobre seus filhos e o direito social à livre associação. Quanto aos filhos, integração forçada significa um conflito muito sério entre casa e escola, entre sua vida privada e social, e embora tais conflitos sejam comuns na vida adulta, não se pode esperar que as crianças lidem com eles e, portanto, não devem ser expostos a eles. (ARENDR, 1959, p. 55)

O conflito entre um lar segregado e uma escola dessegregada, entre o preconceito contra famílias e exigências da escola, abole de uma só vez a autoridade dos professores e dos pais, substituindo-a pela regra da opinião pública entre as crianças que não têm capacidade nem o direito de formar uma opinião pública própria. Como os diversos fatores envolvidos na educação pública podem rapidamente ser colocados em ação com objetivos diferentes, a intervenção governamental, mesmo em sua melhor forma, sempre será bastante controversa. Portanto, parece altamente questionável se seria sensato começar a aplicação dos direitos civis em um domínio

onde nenhum direito humano básico e nenhum direito político básico está em jogo, e onde outros direitos – sociais e privados – cuja proteção não é menos vital, podem ser facilmente feridos.” (ARENDETT, 1959, p.56)

## *Dicas*

*Veja os filmes:*

*Two distant strangers (2020), dirigido por Martin Desmond Roe e Travon Free, disponível na Netflix.*

*A 13ª emenda (2016), dirigido por Ava DuVernay, disponível na Netflix.*

*Selma - Uma luta pela igualdade (2014), dirigido por Ava DuVernay, disponível em MUBE.COM.*

*Um crime americano (2017), dirigido por Dan Lindsay e TJ Martin, disponível na Netflix.*

*Eu não sou seu negro (2016), dirigido por Raoul Peck, disponível na Prime Video e Globosat Play.*

## Atividade

Observe as duas fotografias abaixo. São imagens de manifestações nos Estados Unidos, em momentos diferentes. A primeira foto é de pais que protestam contra a segregação racial nas escolas, no estado de Arkansas, capital Little Rock, nos anos 1950. A segunda foto é uma manifestação do movimento *Black lives matter* (*Vidas negras importam*) na cidade de Nova York, em 2020.



1. Entre as duas fotos se passaram 70 anos. O que você acha que mudou nos direitos sociais da população negra e o que permaneceu sem alteração?
2. O movimento *Black lives matter* (*Vidas negras importam*) é uma organização ativista internacional que nasceu na comunidade afro-americana e atua contra a violência direcionada às pessoas negras. Você acha que o *Black lives matter* influenciou os movimentos antirracismo no Brasil? Você conhece exemplos de organizações e personalidades que se manifestam contra a violência e preconceito racial e a favor de justiça social no Brasil?



©Daniel Zender/newyorker



*Ilustração para a primeira das cinco partes do artigo de Hannah Arendt Eichmann in Jerusalem, publicada em 16 de fevereiro de 1963, na revista New Yorker*

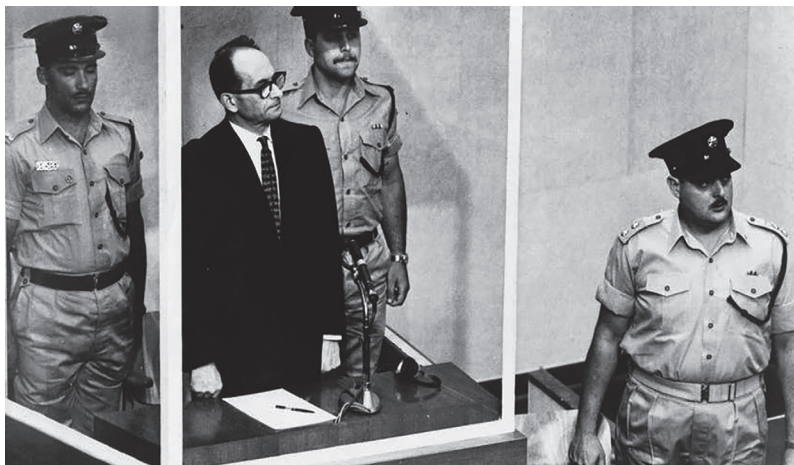
# *Eichmann no mundo*

Otto Adolf Eichmann era chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. É atribuída a ele a deportação de milhares de judeus para os campos de concentração nazistas. Com o fim da guerra, ele fugiu para Buenos Aires de onde foi capturado por agentes do serviço secreto de Israel (Mossad) e levado para ser julgado em Jerusalém, por crimes contra o povo judeu, em abril de 1961. Eichmann foi condenado à morte por enforcamento e morreu no dia 1º de junho de 1962.

A revista *The New Yorker*, com o aval do diretor Willian Shawn, enviou Hannah Arendt a Jerusalém para cobrir o julgamento de Eichmann. Após a publicação na revista, seus artigos foram compilados no livro *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*, que é considerada a obra mais polêmica de Arendt. A que lhe causou mais críticas, rompimentos e dissabores.

O julgamento de Eichmann começou no dia 11 de abril de 1961 e é considerado o segundo maior julgamento de oficiais nazistas depois do Tribunal de Nuremberg, que se deu logo após o término da guerra. O inquérito para a condenação de Eichmann apresentou depoimentos de mais de 100 testemunhas, duas mil provas e 3.500 páginas de documentos da polícia de Israel.

A partir de maio, exatamente um ano após sua viagem a Israel, Hannah Arendt volta-se para os escritos sobre o julgamento de Eichmann e em sucessivas cartas a Mary McCarthy discorre sobre o assunto:



***No tribunal de Jerusalém, Adolf Eichmann ficou em uma cabine de vidro, acompanhado por guardas, onde foi julgado em 1961, por crimes de guerra cometidos durante a Segunda Guerra Mundial***

Ainda em Eichmann, estou com parte do retrato quase terminada – ou assim espero. É muito mais longa do que eu pensava, cerca de 80 páginas agora. Se eu tiver sorte, não [terá] mais de 160 páginas. Mesmo assim, estou contente por tê-lo feito, apesar da trabalhadeira espantosa. Meu quarto parece um campo de batalha com os papéis e as folhas mimeografadas da transcrição do julgamento espalhados por toda parte. (ARENDRT A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 144).

No primeiro trimestre de 1963, Hannah Arendt publica uma série de artigos sobre o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, em que destaca sua responsabilidade no holocausto judeu sob o governo nazista de Hitler. Em seguida, ela consegue a publicação dos artigos em forma de livro. *Eichmann em Jerusalém* foi o livro mais polêmico de Hannah Arendt e ela teve de conviver por muitos anos com críticas e ofensas. Foi acusada de ser anti-Israel, antissionista, que não se aceitava como judia, entre tantos outros ataques.

Ela começa a enfrentar a reação do público após a publicação de *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. Os leitores, especialmente de origem judia, não gostaram de saber que os Conselhos Judaicos, no início da guerra, atenderam à exigência dos oficiais nazistas e fizeram inventários de suas comunidades, o que se configura como colaboração com o regime e facilitou a posterior remoção dessas pessoas.

Apesar das constantes críticas, Hannah Arendt não responde a seus detratores. Na carta de 3 de outubro de 1963, enviada de Chicago, onde trabalhava na universidade, ela faz um relato do que pensa e como se sente:

Estou convencida de que não devo responder individualmente a nenhum crítico. Provavelmente acabarei elaborando não uma resposta, mas uma espécie de avaliação de todo esse negócio estranho. Acho que será depois de a fúria ter-se esgotado, e creio que a próxima primavera será um bom momento. Também pensei em escrever um ensaio sobre ‘verdade e política’<sup>2</sup>, que seria uma verdade implícita. Se estivesse aqui, você entenderia que todo esse assunto, com poucas exceções, não tem absolutamente nada a ver com crítica ou polêmica no sentido normal da palavra. É uma campanha política, guiada e orientada em todos os detalhes por grupos de interesse e repartições públicas. Seria tolo de minha parte, mas não da parte de outros, ignorar este fato. A crítica é dirigida a uma ‘imagem’, e o livro que escrevi foi substituído por essa imagem”. (ARENDR A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 157)

Meu livro é uma reportagem e, portanto, deixa fora do relato todas as perguntas sobre por que as coisas aconteceram como aconteceram. Descrevo o papel dos conselhos judaicos. Não foi a minha intenção nem minha tarefa explicar todo esse assunto – nem em referência à

<sup>2</sup> Truth and Politics [Verdade e Política] foi publicado em *The New Yorker*, em 25 de fevereiro de 1967, e reimpresso na edição de 1968 de *Entre o passado e o futuro*.



história judaica nem em referência à sociedade moderna em geral. (ARENDR A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 158)

Minha 'noção básica' do caráter comum de Eichmann é muito menos uma noção que uma descrição fiel de um fenômeno. Tenho certeza de que se podem tirar muitas conclusões desse fenômeno, e a mais geral que tire é indicada: 'banalidade do mal'. Em algum momento posso querer escrever sobre isto, e então escreveria sobre a natureza do mal, mas teria sido totalmente errado de minha parte fazê-lo no contexto da reportagem. (ARENDR A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 158)

## Dicas

Veja os vídeos Hannah Arendt | A Banalidade do Mal (e a Profundidade do Bem) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vHQNFLJFoxc>

Veja os filmes:

*Operação Final*, 2018, direção de Chris Weitz, disponível na Netflix.

*Bastardos Inglórios* (2009), direção de Quentin Tarantino, disponível na Netflix.

## Exercise

### Language Focus

**Read the letter that Hannah Arendt wrote to Mary McCarthy.**

The University of Chicago

Chicago 37, Illinois

Committee on Social Thought

October 3, 1963

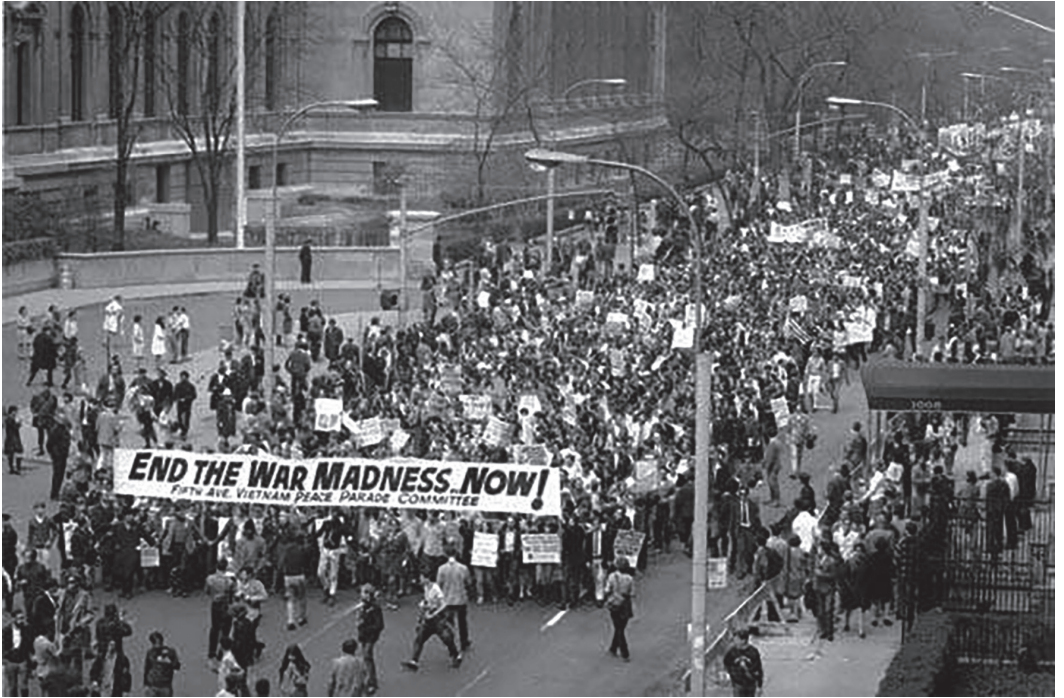
I am convinced that I should not answer individual *critics*. I probably shall finally make, not an answer, but a kind of *evaluation* of this whole strange *business*. This, I think, should be done after the *furor* has run its course and I think that next spring will be a good time. I also intend to write an *essay* about “*Truth and Politics*”, which would be an implicit answer. If we were here you would understand that this whole *business*, with few *exceptions*, has absolutely nothing to do with *criticism* or *polemics* in the normal sense of the *word*. It is a political *campaign*, led and guided in all particulars by interest groups and governmental agencies. It would be foolish for me, but not for others, to overlook this fact. The criticism is directed at an “*image*” and this *image* has been substituted for the book I wrote. (ARENDR A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 157)

*Match the words from the letter to their definitions.*

- critic
- evaluation
- business
- furor
- essay
- truth
- exception
- criticism
- polemics
- word
- campaign
- image

- a) *the quality or state of being based on fact*
- b) *the work or activity of making fair, careful judgements about the good and bad qualities of somebody something, especially books, music, etc*
- c) *the practice or skill of arguing strongly for or against somebody/something*
- d) *a person who expresses disapproval of somebody/something and talks about their bad qualities, especially publicly*
- e) *a thing that does not follow a rule*
- f) *a single unit of language which means something and can be spoken or written*
- g) *a mental picture that you have of what somebody/something is like or looks like*
- h) *great anger or excitement shown by a number of people, usually caused by a public event*
- i) *a series of planned activities that are intended to achieve a particular social, commercial or political aim*
- j) *a short piece of writing on a particular subject, written in order to be published*
- k) *to form an opinion of the amount, value or quality of something after thinking about it carefully*
- l) *(usually with an adjective) a matter, an event or a situation*





*Passeata contra a guerra do Vietnã, em 1968, na cidade de Nova York*

# *A Guerra do Vietnã*

A Guerra do Vietnã atravessa um período de dez anos da correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy. A partir de 1964 o Vietnã do Norte passa a sofrer pressão das Forças Armadas norte-americanas. A população vietnamita foi atacada pelos Estados Unidos com recursos militares drásticos como a utilização de bombas de napalm e gases tóxicos desfolhantes sobre a floresta, causando a destruição de colheitas. Toda a violência da maior potência mundial parecia reacender o motor da luta do exército norte-vietnamita e da guerrilha sul-vietnamita – o Vietcong, que abalava internamente o sul do país. O país dividido lutou em nome do líder nacional Ho Chi Minh, morto em 1969, e de seu ideal de um Vietnã unificado e sob governo comunista. O objetivo declarado dos Estados Unidos era impedir uma disseminação do comunismo.

Mary McCarthy, em Paris, na França, e Hannah Arendt, em New York, nos Estados Unidos, acompanharam o desenrolar da guerra da Vietnã com demonstrações de pesar e engajamento político contra a guerra, especialmente da parte de Mary McCarthy, por acreditar que “os EUA infligiram a si mesmos um dano irreparável. (MCCARTHY A ARENDT, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 181). Para Arendt, “trata-se de uma guerra civil e é mentira dizer que há duas nações envolvidas, Vietnã do Sul e do Norte”. (ARENDT A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 182)

Em 1º de fevereiro de 1967, Mary McCarthy escreve de Paris para contar que vai ao Vietnã do Sul (Saigon – capitalista). Ela escrevia suas reportagens numa perspectiva contrária à guerra, que foram publicadas em forma de artigos sobre

o Vietnã na *New York Review of Books* e, em 1967, deram forma ao livro *Vietnam*. Mas ela desejava conseguir o visto para entrar no Vietnã do Norte (Hanói – capital do Vietnã comunista). Em 12 de setembro do mesmo ano está em sua casa em Castine (Maine), nos Estados Unidos, e escreve sobre os planos de ir a Hanói com um grupo relacionado à revista pacifista *Liberation* de Nova York. O visto para Hanói só foi liberado em março de 1968. Ela foi a Hanói via Cambodja e Laos, em aeronaves da Comissão Internacional de Controle (CIC), criada por causa dos conflitos na Indochina francesa. Em 1968, Mary McCarthy transformou sua série de reportagens sobre a viagem ao Vietnã do Norte, também publicada previamente no *The New York Review of Books*, no livro *Hanói*.

O Vietnã do Norte sofre ataques maciços dos B-52 (aviões bombardeiros de longo raio de ação) entre 15 e 30 de dezembro de 1972. Por correr risco de impeachment, o presidente Richard Nixon anunciou em rede de TV, no dia 8 de agosto de 1974, que deixaria a Casa Branca no dia seguinte. Ele era investigado por ter autorizado serviço de espionagem na sede do Partido Democrata, em Washington, em um escândalo que ficou conhecido mundialmente por *Watergate*, o nome do edifício onde ficava o escritório do partido. A operação foi organizada por pessoas de confiança de Nixon, com seu conhecimento, com o propósito de obter informações sobre seus adversários políticos. Gerald Ford, que era o vice-presidente, assumiu o cargo, e concedeu anistia a Nixon, salvando-o das implicações jurídicas do caso *Watergate*.

## *Watergate*

Considerado um dos maiores escândalos políticos dos Estados Unidos, *Watergate* foi uma operação articulada por pessoas ligadas ao

presidente Nixon, com o propósito de instalar escutas telefônicas em escritórios de adversários políticos. Em junho de 1972, cinco homens foram presos quando tentavam invadir a sede do Partido Democrata. Dois jornalistas do *The Washington Post* — Carl Bernstein e Bob Woodward — começaram a investigar o caso e descobriram o envolvimento do gabinete de Nixon. Esse episódio bastante conhecido da história americana deu origem ao filme *Todos os homens do presidente*.

Mary McCarthy cobriu as audiências do caso Watergate, em junho de 1973, no Senado, em Washington, para o jornal *The Observer*. Ela reuniu também as reportagens publicadas pela *The New York Review of Books* no livro de *The Mask of State: Watergate portraits* (1974).

Hannah Arendt recebia amigos para jantar em seu apartamento, em Nova York, no dia 4 de dezembro de 1975, quando sofreu um infarto e morreu. Ela conseguiu organizar seu pensamento e expor enunciados em um dos momentos mais difíceis vividos pelas sociedades contemporâneas. Com precisão, viu e descreveu em suas obras as feridas do mal que violenta a humanidade. Mas nunca deixou de acreditar na bondade do ser humano, na esperança e alegria da construção do bem comum e de garantias de liberdades individuais. Sua obstinação por compreender os regimes totalitários era também sua tentativa de impedir que eles não se repetissem.

Mary McCarthy teve câncer de mama com metástase nos pulmões. Faleceu no dia 25 de outubro de 1989 em um hospital, em Nova York. Como escritora, gostava de estar à vontade para escolher sobre o que desejava escrever e não abordou assuntos tradicionalmente associados ao mundo feminino. Alguns de seus livros foram autobiográficos. A estética das cidades e a política foram alguns dos temas



com os quais trabalhou. Sempre esteve ocupada com sua escrita e se deslocou para muitos países para escrever sobre cidades, arquitetura e guerras. Imaginar uma escritora nos anos 1970 lutando por um visto para entrar no Vietnã do Norte (Hanói), com o objetivo de denunciar os ataques dos Estados Unidos contra esse pequeno país na Ásia, leva a pensar que McCarthy, assim como Arendt, tinha coragem de lutar por um mundo melhor para todos.

©ctb.org.br



*Apesar de a guerra do Vietnã ter sido um dos mais violentos ataques dos Estados Unidos contra um país do Terceiro Mundo, eles saíram derrotados*

## *Intervenção no Vietnã*

A parte oriental da península da Indochina, localizada no sudeste asiático, foi conquistada pela França no final do século XIX. No começo da Segunda Guerra Mundial, foi ocupada pelos japoneses. Derrotados os japoneses, os franceses voltaram à península para restabelecer seu

domínio colonial. Iniciou-se então a luta dos vietnamitas para obter sua autonomia política. A luta de libertação era comandada pelo Viet Minh, um movimento político e militar fundado e dirigido pelo comunista Ho Chi Minh, que, na adolescência, estudou na França. Foram oito anos de luta, que terminou com a derrota francesa na batalha de Diem Bien Phu, em maio de 1954. O comandante militar vietnamita era o general Giap, um dos mais brilhantes estrategistas do século XX.

A Conferência de Paz, realizada em Genebra, Suíça, decidiu pela retirada de todas as tropas francesas e a divisão do Vietnã em dois Estados: o do Norte, com capital em Hanói, sob o regime comunista de Ho Chi Minh, e o do Sul, cuja capital era Saigon, capitalista. Ficou decidido que haveria eleições gerais para a unificação do país, mas o Vietnã do Sul, já então sob uma ditadura militar apoiada pelos Estados Unidos, não aceitou realizá-las.

Em 1959, guerrilheiros comunistas do sul (os vietcongs), com o apoio do Vietnã do Norte, iniciaram uma luta para derrubar o governo do Vietnã do Sul e reunificar o país. Dois anos depois, no governo do presidente John Kennedy, começou o envolvimento dos Estados Unidos no conflito. Inicialmente por meio de assessores militares; depois, pelo envio de tropas. Em 1965, havia mais de 600 mil soldados na Indochina. Lutando na forma de guerrilha e contando com o apoio da população camponesa, os vietcongs infligiam graves perdas aos norte-americanos. Como forma de revide e para coagir a população nativa, os norte-americanos bombardeavam indiscriminadamente aldeias dos camponeses. Pela primeira vez, as redes de televisão americanas

transmitiam imagens brutais da guerra, que não poupava civis. Em desespero, o estado-maior dos Estados Unidos decidiu bombardear as cidades do Vietnã do Norte. Nem a natureza escapava da destruição: bombas de napalm, produto químico que destruía a vegetação, eram lançadas pelos aviões norte-americanos. Não poucas vezes atingiam mulheres, crianças e idosos.

A intervenção dos Estados Unidos começava a ser contestada dentro do próprio país. Imensas manifestações contra a guerra se repetiam. Jovens recusavam-se a se alistar e fugiam para o Canadá. Sob pressão, o presidente Richard Nixon concordou com a abertura de negociações para alcançar a paz. O Acordo de Paris, assinado em 1973, estabeleceu o cessar-fogo. Mesmo antes de sua implementação, os EUA começaram a retirar suas tropas. Com a retirada dos soldados norte-americanos, a vitória dos vietcongs era uma questão de tempo. Dois anos depois, a guerra chegava ao fim, com a tomada de Saigon pelos comunistas. Em 2 de julho de 1976, ocorreu a reunificação oficial do Vietnã. (Fonte: Schneeberger, 2010, p. 378-380)

## *Dicas*

*Veja os filmes:*

*Os 7 de Chicago (2020), direção de Aaron Sorkin, disponível na Netflix.*

*Corações e Mentes (1974), direção de Peter Davis.*

*Bom dia, Vietnã (1987), dirigido por Barry Levinson.*

*Platoon (1986), dirigido por Oliver Stone.*

*Todos os homens do presidente, 1976, direção de Alan Pakula.*

## *Atividade*

Como você leu, a forma que Mary McCarthy encontrou de se engajar na luta contra a Guerra do Vietnã e os sucessivos ataques a bombas dos Estados Unidos contra esse país foi empreender viagens ao local para escrever reportagens (que se transformaram em livros), denunciando as agressões contra a população civil. Você conhece outros exemplos de pessoas (no passado e no presente) que abraçaram uma causa, que defendem direitos civis?

Você participa de algum movimento social?

Na sua cidade tem Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos ou Sindicatos que defendem as causas dos trabalhadores da cidade e do campo?

Você gostaria de se engajar por uma causa social?

Discuta com seus colegas sobre o papel de ativistas na luta pelos direitos humanos.

## *Teste seus conhecimentos sobre Comunismo Internacional*

- Stalin*
- Mao Tsé-Tung*
- a** Engels*
- Kruschev*
- Lenin*
- Gorbachev*
- Karl Marx*
- Luís Carlos Prestes*
- Tito*
- Fidel Castro*
- Leon Trótski*
- Che Guevara*

*a) Teórico alemão que, juntamente com Karl Marx, formulou a doutrina básica do movimento comunista.*

*b) Líder cubano que conduziu seu país ao alinhamento radical com a União Soviética durante a Guerra Fria, em oposição aos Estados Unidos, e por quase meio século esteve à frente do governo de Cuba.*



c) Líder absoluto da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) durante quase três décadas, notabilizou-se pelos expurgos que realizou dentro do partido e pela vitória contra a Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial.

d) Com Engels, criou as bases do chamado materialismo dialético, tendo como obra principal *O Capital*.

e) Médico argentino que auxiliou Fidel Castro na Revolução Cubana e que acabou sendo morto quando tentava consolidar o movimento revolucionário na Bolívia.

f) Líder chinês que comandou a Longa Marcha e implantou o socialismo em seu país.

g) Com Lenin e Stalin levou a Revolução Soviética à vitória contra o czarismo, mas foi mais tarde assassinado por ordem de Stalin.

h) Líder iugoslavo que, embora comunista por convicção, manteve uma linha de independência em relação à URSS.

i) Premier soviético que denunciou os crimes de Stalin e foi sucedido por Brejnev.

j) Principal nome da Revolução Soviética e cujo corpo encontra-se no mausoléu do Kremlin.

k) A figura histórica mais importante do Comunismo brasileiro.

l) O último dos líderes soviéticos. Comandou a política de abertura democrática na URSS.

**Fonte: (coqueteldesafiocébron°254)**



*Estudantes e trabalhadores juntos nas ruas de Paris no Maio 68*

## Maio 68

Mary McCarthy havia deixado um conflito em Paris e foi ao encontro de uma guerra na Ásia. Ao retornar com suas anotações para compor os artigos sobre a Guerra no Vietnã, foi obrigada a encarar a revolução dos estudantes nas ruas da capital francesa. Segundo Brightman (1995, p. 216) os estudantes iniciaram manifestações no campus da Universidade de Paris, em Nanterre, e dali provocaram o fechamento de “universidades e greves de solidariedade por parte de operários industriais e funcionários públicos no país inteiro. A rebelião de 1968 estava no auge quando McCarthy retornou de Hanói”. Mary McCarthy escreveu uma longa carta em 18 de junho de 1968. Comparava suas emoções em relação às manifestações dos estudantes na França e a sua viagem ao Vietnã do Norte (Hanói). E se sentiu mais identificada com as ruas de Paris.

Os acontecimentos aqui me abalaram. Hanói também me abalou, porém os daqui mais, por causa da maior proximidade com meu país, tanto em sentido figurativo como literal. São questionados todos os nossos hábitos, posses, modo de vida, conjuntos de ideias, e, acima de tudo, o nosso distanciamento crítico. (MCCARTHY A ARENDT, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 214)

O Maio 68 foi encenado nas ruas e nas universidades de Paris e de outras cidades do interior da França. Os estudantes foram para as ruas, entre maio e junho de 1968 *É proibido proibir* em oposição a toda espécie de autoridade. Os operários franceses se juntaram ao movimento estudantil e deram voz a maior greve geral da história da França. Aproximadamente 10 milhões de trabalhadores cruzaram os braços, o que, na época equivalia a cerca de um quinto da população do país. A parceria não foi em vão. Os trabalhadores conseguiram aumento geral dos salários e a conquista da quarta semana de férias.



*A reforma democrática do ensino era um dos gritos de ordem das manifestações do Maio 68*

Em carta de 13 de junho de 1968, Hannah Arendt chama atenção para um personagem que mobiliza a imprensa e o poder público em Paris. Trata-se de Daniel Cohn-Bendit, também conhecido como Danny, o Vermelho, que foi líder das revoltas de maio de 1968, na França. A disposição de Arendt em ajudá-lo tem origem na relação que ela teve com os pais de Cohn-Bendit que, como a escritora, eram judeus alemães refugiados.

## *Daniel Cohn-Bendit, Danny - o vermelho*

Daniel Cohn-Bendit, Danny - o vermelho foi líder do Maio 68, na França. Era filho de judeus alemães refugiados que se tornaram amigos de Hannah Arendt e seu marido, Heinrich Blücher, no final da década de 1930, em Paris. Em carta de 13 de junho de 1968, Arendt, exprime o desejo de entrar em contato com Daniel e oferece ajuda em dinheiro. Em 27 de junho do mesmo ano, escreve: “Se estivessem vivos agora, seus pais [...] estariam muito contentes com você”.

©acervo oglobo.com



*Daniel Cohn-Bendit, 23 anos, Paris - Maio 1968, a foto se tornou famosa pelo generoso sorriso do estudante direcionado ao policial que acompanhava as manifestações*

Você por acaso conhece Dani Cohn-Benditt *[sic]*? Ele é filho de amigos muito íntimos meus e eu gostaria de saber um modo de entrar em contato com ele. Conheço-o, embora não muito bem. Esteve neste país e em Pallenville há cerca de quatro anos. Por sinal, um rapaz maravilhoso. Se ele ficar mais tempo em Londres, suponho que se pode escrever via BBC. Só quero que ele saiba que os velhos amigos de



Paris – principalmente Channan [Channan Klenbort] e nós – estão dispostos a ajudar se ele precisar (de dinheiro). (ARENDR A MCCARTHY, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 213)

Infelizmente Mary McCarthy não conseguiu encontrar Daniel Cohn-Bendit, como ela escreve de Paris em 18 de junho de 1968.

Não me encontrei com Cohn-Bendit, embora Stephen e eu tenhamos tentado. Mas a Sorbonne estava uma bagunça tremenda, especialmente a Sala da Imprensa. Uma amiga minha de Londres também o conhecia; a mãe dele era amiga da dela. Como você provavelmente leu, ele fugiu de Londres para Frankfurt. Se tentar voltar à França de novo, temo que desta vez a polícia o pegue. A reação é, no mínimo, sinistra. Estão prendendo e deportando todo tipo de jovens estrangeiros – à mera suspeita. Ontem (ouvi dizer) a polícia estava jogando bombas de gás lacrimogêneo contra turistas perto do Odéon. Sem mais nem menos. Embora as coisas estejam funcionando de novo, acho que ninguém está contente. Salvo a extrema direita. Ainda não saí à rua depois que voltamos, mas ouço carros de bombeiros e ambulâncias indo e vindo. (MCCARTHY A ARENDR, apud BRIGHTMAN, 1995, p. 215-216)

## *Dica*

Veja o filme *Quartier Latin – maio de 68* (1978), dirigido por William Klein, disponível em [https://canalcurta.tv.br/filme/?name=quartier\\_latino\\_maio\\_de\\_68\\_1\\_parte](https://canalcurta.tv.br/filme/?name=quartier_latino_maio_de_68_1_parte)

## *Atividade*

Você sabia que em setembro de 1979, com a ditadura militar ainda instaurada no Brasil, estudantes, professores e trabalhadores ocuparam as ruas de São Luís, capital do Maranhão, em uma manifestação que ficou conhecida nacionalmente como a Greve da Meia-Passagem? O motivo da greve era defender o direito dos estudantes de pagarem a metade do preço da passagem de ônibus, direito conquistado na época e que vale até hoje.

Faça uma pesquisa na internet sobre a Greve da Meia-Passagem. Você vai encontrar imagens, vídeos e textos. Reúna as informações e faça uma comparação com o Maio 68 na França. Quem foram os líderes? Descreva como foi a repressão policial aos manifestantes. Quanto tempo durou o movimento?



# *Cartas do Brasil para Hannah e Mary*

Nós convidamos duas mulheres ativistas para escreverem cartas a Hannah e Mary.

- a) Leia as cartas e observe a narrativa de ambas. Quais as diferenças entre as narrativas?
- b) Você é capaz de identificar nas duas cartas trechos em que as duas autoras falam de uma mesma situação que as afligem? Discuta sobre isso com os colegas.
- c) Quais os problemas sociais e políticos da sociedade brasileira apontados na carta escrita por Silvane Magali? Escolha uma das questões que ela aborda e discuta com os colegas a análise que ela faz. Como você percebe essa questão a partir da sua realidade?
- d) Em quais trechos da carta a autora Silvane Magali faz referências a obras de Hannah Arendt? Quais as analogias que ela faz entre as obras e a realidade social e política do Brasil contemporâneo?
- e) Identifique na carta da autora Diane trechos com inspiração feminista.
- f) Leia o poema *Ainda é cedo amor* de Adriana Gama de Araújo descrito por Diane. Por que ela escreve “Esse poema é meu santuário”?

- g) Você conhece as canções que Diane cita na sua carta a Mary McCarthy? Ouça essas canções e discuta com os colegas se elas correspondem aos sentimentos descritos por Diane.
- h) Você aceitaria o desafio de escrever para uma dessas autoras: Hannah Arendt, Mary McCarthy, Silvana Magali ou Diane Pereira? Faça a sua escolha e escreva uma carta pessoal. Depois, em grupo, leiam as cartas e conversem sobre os assuntos. O que têm em comum? Quais os temas incomuns?









## *Silvane Magali Vale Nascimento*

*Professora, pesquisadora e militante do Movimento de Mulheres Negras do Maranhão. Possui Mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2002) e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2011). Atualmente é Professora Adjunta IV da Universidade Federal do Maranhão. Pesquisas e Extensão nas linhas: Relações de Gênero e Étnico Raciais, Questões Agrárias, Movimentos Sociais no Campo e na Cidade, Mulheres e Feminismo, Trabalho, Desenvolvimento, Comunidades Tradicionais, Territórios Rurais e Políticas Públicas. Publicou artigos, ministrou palestras, cursos, assim como lives e webinários.*

## **Brasil, São Luís, janeiro de 2021**

Minha cara Hannah, aqui no Brasil, iniciamos o ano de 2021 com o que tem se caracterizado como a segunda onda da pandemia do corona vírus. A pandemia tinha aparentemente “dado uma trégua”; contudo diante das atividades das campanhas para as eleições municipais e as festas de fim de ano, as medidas restritivas e de uso de máscara, álcool em gel e o distanciamento foram acentuadamente desrespeitadas por parte da população.

São muitas mortes, fome e violência decorrentes da pandemia. Lembro quando você trata das massas dizendo que são pessoas que, sem referência de organização agem com base no individualismo, motivadas pelo descontentamento pessoal. Você diz que essas sociedades de massas são, na sua análise, pilares ou uma das bases por assim dizer, do totalitarismo. Penso que esse foi o estopim para que as narrativas e ações que levaram à eleição do atual presidente ganhassem corpo nas entranhas da sociedade brasileira. E aqui cabe a reflexão crítica sobre a esquerda que não soube capitanear essa desagregação em forma de descontentamento, que não soube capturar a cultura do individualismo, do preconceito, do racismo, do machismo, do fundamentalismo, como se essas fossem questões menos políticas.

A situação tem se tornado dramática em todo o planeta, mas no Brasil o contexto político é determinante para que o caos avance. Hannah, vivemos momentos difíceis. O Brasil, como você bem sabe, viveu três séculos de escravidão e com a abolição não se oportunizou àqueles que “saíram da condição de escravos/as” a sua efetiva integração na sociedade industrial que se iniciava. Por outro lado, as lutas sociais travadas pelos despossuídos durante e após a abolição (com destaque para a criação dos quilombos) foram omitidas ou criminalizadas na nossa história. Diria

que mais omitida que criminalizada, fato que dificulta à população perceber-se como sujeito de direito, que luta, conquista e por conseguinte, permite se contrapor aos desmandos daqueles que se julgam “senhores da nação”.

Assim, após 20 anos de ditadura militar no Brasil, a sociedade civil foi protagonista da abertura política. Nos anos de 1990 teve início o que foi denominado de uma nova esfera pública. Muitas conquistas em meio a avanços e recuos. Acordos, alinhamentos e desalinhamentos entre os campos mais progressistas e mesmos com aqueles que não o eram, mas tinham determinados interesses em comum, o Brasil elegeu para presidente da república um metalúrgico. Líder sindical, uma das maiores lideranças do país: Luís Inácio Lula da Silva. Muitas conquistas, apesar das lacunas e equívocos. Um projeto neodesenvolvimentista que permitiu muitas alterações na sociedade brasileira.

Mas as narrativas da ideologia neoliberal e do conservadorismo em voga no mundo passaram a difundir a aversão à política, às organizações e sobretudo, aos partidos políticos, algo muito parecido com as sociedades de massas retratadas por você. Assim, elegeu-se um presidente da ultradireita, ancorado no conservadorismo. Dessa forma, esse presidente, em meio à pandemia, negou a ciência e as evidências da pandemia dizendo tratar-se de uma “gripezinha”, ignorou as recomendações da Organização Mundial de Saúde, não usou máscara e não evitou aglomerações e orientou o uso de medicamentos condenados pela ciência em relação ao corona vírus.

Ele também se contrapõe aos movimentos e organizações sociais e às instituições de ensino na perspectiva da criticidade, especialmente as universidades públicas. Sugere modelos de moral que restituem velhos moralismos. As providências fundamentais em relação à pandemia não foram levadas a cabo no Brasil, exceto

por alguns governadores e prefeitos/as. Hannah, por essa razão, te falo que no Brasil algumas especificidades levam ao caos. Aguardamos a ciência e nela confiamos na ampliação urgente da vacinação. Ao mesmo tempo, nos movimentamos nas diversas frentes de lutas.

A esquerda brasileira sempre teve resistência a discutir aspectos micros da sociedade. Enquanto isso, diversas religiões ou frações delas trouxeram pra si esse descontentamento e fizeram coro à elite conservadora brasileira. Conseguiram isolar indivíduos nas sociedades de massas, como você mesma identifica e analisa. E é isso que se vive mundialmente. Os desencantos com os partidos ou mesmo com os governantes, o que em última instância resume-se ao descontentamento com a política, transforma esses sujeitos em defensores de seus próprios interesses sob um manto pseudonacionalista. Sendo que nessa dinâmica a classe não desapareceu, Hannah.

Outra questão a ressaltar: a vida privada nunca foi tão moldada. E pensar você, que na *Condição Humana* nos apresenta a vida privada tão recôndita, e assim o era. Mas cabe ressaltar que a casa continua a ser o espaço também da violência que muitas vezes fica silenciada: a violência doméstica que cresce em meio à pandemia. Falta trabalho, falta renda, muitos homens perdem o “lugar de provedor”, a “prisão” em casa no isolamento. Tudo isso e mais, acende a fogueira da violência sobre crianças e adolescentes, jovens idosos e sobre as mulheres.

E pensar que as determinações dessa pandemia deitam raízes no capital, na ganância do lucro, na vida mercadologizada. Destrói-se para ter: essa é a lógica. Destrói-se a natureza para ter. Ter o quê? Doenças, fomes, sede... E as nossas vidas cerceadas.



Hannah, às vezes penso que o que temos no Brasil de hoje é uma hibridação: uma mistura de fascismo com pitadas magistrais de totalitarismo. Um chefe de nação que se julga acima de todas as leis, que mistura populismo com autoritarismo e desrespeito total às instituições e ao pacto federativo, à autonomia dos poderes, e que aposta na desqualificação das organizações sociais, nega o direito do associativismo (especialmente de base popular e com criticidade), aposta no negacionismo. Esse último posicionamento tem resultado em índices consideráveis de rejeição às vacinas. Mas muitos governos, inclusive o do meu estado, o Maranhão, têm buscado formas pedagógicas de sanar tais dificuldades.

Despeço-me, com votos de que essa pandemia acabe e que a resistência continue sendo o nosso horizonte para a conquista da dignidade humana.

Um fraterno abraço,

**Silvane Magali Vale Nascimento**





## *Diane Pereira Sousa*

*É maranhense da Baixada. Possui graduação em Direito pela Universidade Ceuma (2016) e Mestrado em Derechos Humanos, Interculturalidad y Desarrollo - Universidad Pablo de Olavide (2018). Atualmente é professora da FFI - Formação Faculdade Integrada e gerente de Projetos do Instituto Formação. É Fellow Ashoka. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação que articula conteúdos das humanidades com as tecnologias 4.0 (NEPE). É sócia da FLG (Football Learning Global), rede de aprendizagem global que conecta jovens, escolas e organizações de 10 países em cinco continentes. Uma de suas especialidades em eventos nacionais e internacionais são as pontes poéticas (mediações), articulando sonhos e realidade.*

**Brasil, São Luís, junho de 2021**

Querida Mary,

Os dias por aqui correm estranhos. Estou tentando me agarrar a faíscas de esperança para com elas dançar na chuva. Esse negócio de passar o tempo pensando ainda vai me levar à loucura. Passei o inverno todo pensando nessa carta, em como ela me chamava, em como eu poderia fazer um pedaço do meu caminho junto de ti.

Estou em um quarto com um lampião aceso, na minha playlist toca uma música que me arrebatava, é *Trem do Desejo*, de Vander Lee. Eu preciso dessa combinação, esses sons, eu escrevendo e lendo em voz alta ao mesmo tempo, para me conectar, para imaginar que essa carta chegaria até você em Manhattan.

A noite começa a cair, vejo o céu se autopintar com cores indecifráveis. Da minha varanda no quarto andar do prédio em que moro, sinto uma ilha silenciosa. Existem barulhos secretos em cada casa. Sussurros de amor, gemidos entorpecidos que rasgam o tédio do isolamento. E enquanto os corpos dançam a ilha continua em silêncio.

8 letras formam o status do dia a dia, é profundo, enlouquecedor e a prescrição é um talvez. Da varanda do meu apartamento minha vista alcança 28 janelas, 10 delas não têm grades, estamos presos na estrutura das casas como pássaros na gaiola, só podemos nos ver nos tantos poucos metros quadrados. Não sei mais o que é olhar a hora, não me faz falta, o tempo virou meu amigo. As formigas beijam meu chão algumas vezes durante a semana. O silêncio da ilha me fez olhar coisas miúdas, tipo formigas, tomada, sabão, eu ando com olhos de água – sol. Aquele que queima

em si mesmo apaga seu próprio fogo. A transgressão desse momento me deixa ainda mais próxima de entender que o que eu quero falar precisa ser melhor do que o silêncio.

Fui criada pela minha vó, me disseram que você, após um trágico acontecimento, também foi criada por avós. Tem muita coisa dentro desse processo de criação que me conduz até esse momento de agora. Eu, por exemplo, tenho uma teimosia intrínseca, minhas inclinações sempre são para mulheres, rejeito qualquer forma de autoritarismo, machismo, sexismo, essas palavras em meu tempo são como rojão.

Por aqui as mulheres andam com fortes, estamos longe de uma igualdade real, mas estamos determinadas a continuar no caminho da luta. Se seu livro *O Grupo* tivesse sido lançado no meu tempo, você teria um batalhão de mulheres ao seu lado, lutando por você, fazendo com que sua voz fosse a nossa. E por isso, pela ousadia, pela teimosia, por você ter sido exatamente como esse trecho da música *Cartas de Amor* de Maria Bethânia: “Sou como a haste fina que qualquer brisa verga, mas nenhuma espada corta”, obrigada. A tua potência nos posiciona. Nós estamos no jogo! Viver é um exercício do pensar crítico, requer solidariedade, resiliência, precisa do olhar de uma avó. Silencioso, firme, precisa ser decifrada.

Nós temos diferentes chãos, o passo que você deu desde 1912 fortalece os que eu tenho agora. Essa sua escrita transformadora, direta, esse senso crítico, a esfera indomável. Minha aposta é para que você goste de poesia. Quero ler essa pra você:

### ***Ainda é cedo amor***

*Extraordinariamente continuamos os mesmos*

*Salvo abraços e contágios*

*A verdade é que ao sair de casa*

*Constatamos que as pontes continuam senhoras*

*Dos que passam por cima*

*Dos que moram embaixo*

*Noves fora nada*

*Para quem apostou na velha teoria da mudança*

*Nosso vento é o hábito*

*Continuamos os mesmos gigantes*

*Miseráveis e extraordinários.*

*Adriana Gama de Araújo*

Esse poema é meu santuário. Você não teve a chance de ver como sua escrita transformou um tempo. Assim como a de sua amiga Hannah Arendt. Mas cá estamos nós, tendo vocês como um vento hábito. Acreditando na força que brota dos passos das mulheres. Entendendo a dinâmica do mundo para nele intervir, transformar, resgatar, potencializar. Afinal a vida somos nós. Eu saí de um portal em pequena cidade no interior do Maranhão para criar outro portal, só que dessa vez ele não possui parede, o portal sou eu. E nesse momento eu me transporto para dentro do que você escreve, eu me conecto, eu te agradeço e me reinvento.

De sua mais nova admiradora,

**Diane Pereira Sousa**







# Referências Bibliográficas

ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ARENDR, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. 1959. Disponível em: [https://www.normfriesen.info/forgotten/little\\_rock1.pdf](https://www.normfriesen.info/forgotten/little_rock1.pdf). Acesso em: 23 jun. 2020

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRIGHTMAN, Carol. **Entre amigas**: a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy (1949-1975). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. ISBN: 85-85-7316-031-4

CEREJA, William; DAMIEN, Christiane; VIANNA, Carolina Dias. **Português contemporâneo** – Diálogo Reflexão e uso. São Paulo: Editora Saraiva, 2016.

KOSHIBA, Luiz. **História, origens, estruturas e processos**. Uma leitura da História ocidental para o ensino médio. São Paulo: Atual, 2000.

MCDONOUGH, Yona Zeldis. **Who was Rosa Parks?** New York, Penguin Workshop, 2010. ISBN: 9780448454429.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **Manual Compacto de História**: ensino fundamental. São Paulo: Rideel, 2010.

YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. **Por amor ao mundo**: a vida e a obra de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

